

Eriphia verrucosa



© Ivan Freitas

Nome comum | Caranguejo-murraceiro

Nome científico | *Eriphia verrucosa* (Forskål, 1775)

Classificação taxonómica | Animalia (Reino) > Arthropoda (Filo) > Crustacea (Subfiló) > Multicrustacea (Superclasse) > Malacostraca (Classe) > Eumalacostraca (Subclasse) > Eucarida (Superordem) > Decapoda (Ordem) > Pleocyemata (Subordem) > Brachyura (Infraordem) > Eubrachyura (Secção) > Heterotremata (Subsecção) > Eriphioidea (Superfamília) > Eriphiidae (Família) > *Eriphia* (Género)

Morfologia geral | Carapaça hexagonal, ovalada lateralmente, com a fronte quase reta, dividida em 2 lobos por uma depressão média. Cor vermelho-acastanhada ou verde-acastanhada, porventura com manchas amarelas. Apresenta 7 dentes antero-laterais e 5-6 dentes entre os olhos. Possuem quelípodes (1º par de patas) robustos, munidos de tubérculos salientes, com dedos das pinças escuros. Os restantes pereiópodes (patas locomotoras) apresentam algumas cerdas.

Função no ecossistema | Omnívoro. Alimenta-se maioritariamente de animais bentónicos da zona entre marés, seguido de macroalgas e de detritos.

Reprodução e ciclo de vida | Gonocórico. Fertilização interna. Desenvolvimento indireto. Dispersão das larvas por ações hidrodinâmicas.

Distribuição | Zona entre marés e sublitoral de praias rochosas do Oceano Atlântico Noroeste (desde a Cornualha - Reino Unido e Bretanha-França até Açores Mauritânia), Mar Mediterrâneo, Adriático e Negro. Encontra-se em fendas nas lajes e por baixo de pequenas rochas.

Financiamento



Operador do programa



Parceiros



Potencialidades do recurso | (Apanha, aplicações, biotecnologia)

Os pescadores procuram-nos para usar como isco vivo, preferindo-os que se encontram perto de mudar o seu exosqueleto, ou que o tenham feito recentemente (mais atrativos como presas para as espécies-alvo da pesca).

Curiosidades |

Estes animais apresentam exosqueleto (carapaça) duro, composto por quitina e carbonato de cálcio (entre outros compostos). Para crescerem, precisam de mudar este exosqueleto com alguma frequência. Para tal, o exosqueleto é geralmente maior que o corpo. Há medida que os tecidos moles internos (e respetivos órgãos) vão crescendo e expandido, atingindo o limiar do exosqueleto, esta vai sendo reabsorvido e os seus componentes utilizados para sintetizar um novo, que fica adjacente e interno ao antigo. Quando for a altura de mudar, o caranguejo procura um local para ficar protegido de possíveis predadores. Sai do velho exosqueleto, por uma fissura entre o cefalotórax e o abdómen. Terá de esperar uns dias até que o novo exosqueleto endureça, antes de voltar à sua atividade normal.

Os pescadores confundem as carapaças antigas, com animais predados pelos polvos. Em que estes “sugaram” todo o interior do caranguejo com as suas ventosas. Realmente, estes caranguejos são predados por polvos, mas estes esmagam-nos com a sua rádula, deglutem e digerem-nos, pelo que não restam vestígios evidentes.

As fêmeas só poderão ser inseminadas por um macho, nesta altura de mudança de exosqueleto (*ecdysis*, ou muda), o qual geralmente é de maiores dimensões e terá por tarefa protegê-la nesta altura de fragilidade.

As fêmeas protegem os ovos, carregando-os externamente ao corpo, na dobra do abdómen (seguros pelos pleópodes), até à eclosão das larvas, durante os períodos de submersão.

Referências

Campbell, A., Nichols, J. (1976). Country life guide for the seashores and shallow seas of Britain and Europe. The Hamlyn Publishing Group Limited.

Fouda, M.M., El-Sayed, A.A.M., El-Damhougy, K.A., Salama, A.F. (2015). Partitioning of food resources at the intertidal zones between the marble rocky crab, *Pachygrapsus marmoratus* (Grapsidae) and warty crab, *Eriphia verrucosa* (Eriphiidae) along the Mediterranean Sea coasts, Alexandria, Egypt. Egyptian Academic Journal of Biological Sciences B Zoology, 7(1): 23- 36. DOI: 10.21608/eajbsz.2015.13475.

Hayward, P., Nelson-Smith, A., Shields, C. (2001). Collins Pocket guide to the Seashore. Harper Collins, London.

Rodrigues, N.V., Maranhão, P., Oliveira, P., Alberto, J. (2008). Guia de espécies submarinas: Portugal, Berlengas. Instituto Politécnico de Leiria, 231 pp.

Saldanha, L. (1995). Fauna submarina Atlântica. 3ª Edição. Publicações Europa-América, Mem Martins.

Financiamento



Operador do programa



Parceiros

